

NA PELE
DE MERYL STREEP

MIA MARCH

NA PELE
DE MERYL STREEP

Tradução de
CATARINA ANDRADE



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

Em memória de Greg.

«*África Minha* é o meu filme preferido de todos os tempos», disse Lolly. «Tantas frases do texto me desconcertaram da primeira vez, que achei nunca mais ser capaz de voltar a ver o filme. Contudo, estou pronta agora.»

Quando a narrativa grave de Meryl Streep começou, «Eu tinha uma quinta em África», estavam todos em silêncio e colados ao ecrã.

Lolly pôs o filme em pausa passados quarenta e cinco minutos. Secou as lágrimas por baixo dos olhos. «Esta é a frase em que pensei durante todos estes anos. Quando, depois de tudo por que passou e de tudo o que perdeu, Meryl diz que, quando pensa que já não é capaz de suportar nem mais um momento de sofrimento, se lembra de como tudo era bom antes, e quando tem a certeza de que não consegue suportar outro segundo, aguenta mais um segundo e, nesse momento, percebe que é capaz de aguentar qualquer coisa.» O seu sorriso parecia tão distante. «É verdade.» Lolly carregou novamente no PLAY.

Kat segurava a mão da mãe. Reparou que ela não era a única a permanecer imóvel, sem comer pipocas, quase sem respirar, enquanto Meryl Streep, partindo o seu próprio coração, dizia a Robert Redford que o que ele tinha para lhe oferecer não era suficiente.

«Oh, meu Deus, põe em pausa.» Isabel sentou-se direita. «Aprendi que há coisas que vale a pena ter, mas todas têm um preço, e eu quero ser uma delas», disse ela, repetindo as palavras de Meryl Streep. «Vou escrever isto e andar sempre com esta frase na minha carteira.»

Kat percebeu naquele momento que não se sentia ambivalente em relação a casar-se ou a ficar em Boothbay Harbor. Sentia-se ambivalente em relação a si mesma, ao que era bem lá no fundo, ao valor que pensava ter.

AGRADECIMENTOS

Alexis Hurley, excepcional agente literária na InkWell Management, uma apoiante acérrima com uma extraordinária visão editorial, acreditou neste romance desde o início. Não há chocolate suficiente no mundo para lhe agradecer por tudo... e tudo é mesmo muito.

Porque o mundo funciona de muitas e maravilhosas maneiras, Karen Kosztolnyik, editora executiva da Simon & Schuster/Gallery, é minha editora e ajudou-me a moldar e a fortalecer este romance com o seu imenso cuidado e carinho pelas personagens. Que venham muito mais livros!

A Louise Burke e Jen Bergstrom da Gallery por acreditarem em mim e neste livro. Obrigada, obrigada, obrigada.

Um agradecimento especial a Kara Cesare, a minha editora madrinha.

Aos meus amigos e familiares, em especial ao meu querido filho, que me inspira em cada minuto de cada dia com as suas perguntas, sorriso e energia própria de uma criança. Sendo um amante de cinema, tal como eu, ele acha que Meryl Streep é fantástica porque fazia a voz de Mrs. Fox em *Fantastic Mr. Fox*.

Há muito tempo, vi Meryl Streep em *Inside the Actors Studios*. Quando James Lipton fez a última pergunta — «Se o Céu existisse, o que quereria ouvir Deus dizer quando chegasse aos Portões do Céu?» —, Meryl, gesticulando, respondeu: «Todos lá para dentro!» Isto resume a razão por que a adoro. Sou uma fã da bela e talentosa atriz desde que me lembro e agradeço a Meryl Streep pelos mais de cinquenta papéis, por me fazer rir e chorar e pensar e acreditar. O meu romance é uma homenagem.

Talvez ele soubesse, embora eu não, que a terra foi feita redonda
para nunca ser possível ver muito além na estrada que percorremos.

— KAREN BLIXEN, papel desempenhado por MERYL STREEP
no filme *África Minha*

Os Filmes de Meryl Streep

As Pontes de Madison County

O Diabo Veste Prada

Mamma Mia!

A Difícil Arte de Amar

Em Defesa da Vida

Kramer contra Kramer

Recordações de Hollywood

Amar... É Complicado!

África Minha

(Menção honrosa: *Julie & Julia*)

PRÓLOGO

LOLLY WELLER

Há quinze anos

Dia de Ano Novo, 2h30 da manhã

The Three Captains' Inn, Boothbay Harbor, Maine

O filme *Reação em Cadeia* estava em exibição. A atriz preferida de Lolly, Meryl Streep, com o corte de cabelo desgrenhado que Lolly adotara enquanto adolescente, e Cher, que Lolly sempre achara espetacularmente arrojada. A palavra arrojada já fora aplicada à própria Lolly, geralmente pela sua irmã, mas Lolly não se considerava, de todo, arrojada. Havia outra palavra para descrever Lolly e, se ela fosse católica, passaria todos os dias, duas vezes por dia, no confessionário.

Após o telefone ter tocado pela primeira vez naquela noite, Lolly fez algo que a iria atormentar para o resto da vida, algo de que nunca se iria perdoar. O primeiro telefonema ocorreu pouco depois das duas da manhã. A sua irmã, Allie, a cair de bêbeda na véspera de Ano Novo, ria ao telefone, enquanto o marido dançava como John Travolta em *Pulp Fiction* no átrio do requintado Boothbay Resort Hotel. Tinham bebido quatro ou cinco taças de champanhe cada um e perguntaram se Lolly ou o marido os podiam ir buscar. Estavam a apenas cinco minutos de distância.

Cinco minutos para chegar lá. Cinco minutos para os levar para o seu apartamento em segurança. Cinco minutos para regressar à

pousada. Isso dar-lhe-ia quinze doces minutos roubados. Então, acordou o marido, Ted, que balbuciou qualquer coisa sobre os malditos bêbedos, mas, mesmo assim, vestiu uma parca por cima do pijama e saiu de casa para ir buscar os Nash.

Lolly foi ver rapidamente como estavam as miúdas. Visto que os planos de Lolly e Ted para a noite de fim de ano envolviam apenas providenciar apitos e champanhe aos seus convidados na Three Captains' Inn, tinham concordado tomar conta das sobrinhas naquela noite. Lolly desceu silenciosamente do terceiro para o segundo andar da pousada e abriu a porta do quarto de arrumos, onde guardava o aspirador e os produtos de limpeza. Isabel Nash, de dezasseis anos, arrastara o seu colchão, almofada e manta para o quarto de arrumos, como fazia sempre que lá ficava, e dormia profundamente, o seu belo rosto tão sereno, que nunca deixaria adivinhar a quantidade de gritos e asneiras que saíam daquela boca cor-de-rosa. Há apenas uma hora, Isabel entrara sorrateiramente em casa há uma e meia, apesar do rigoroso horário de regresso a casa à meia-noite e meia em tempo de férias, imposto pela mãe, e da terrível discussão que as duas tinham tido antes de todos saírem de casa naquela noite. Lolly puxou o edredão de penas sobre o ombro de Isabel e reparou num chupão acabado de fazer no seu pescoço. Espera até o teu pai ver isso.

De volta ao andar de cima, Lolly foi ver a sua outra sobrinha, June Nash, de treze anos, que partilhava o quarto com a filha de Lolly nessa noite. O pequeno quarto, em frente ao de Lolly e Ted, já não tinha quase espaço para uma cama, quanto mais para duas camas desdobráveis que Ted enfiara no quarto para Isabel e June, mas a Three Captains' Inn estava lotada no fim de ano. *Jane Eyre* encontrava-se aberto sobre o peito de June e uma pequena lanterna vermelha iluminava-lhe o queixo. Lolly desligou a lanterna e colocou-a, juntamente com o livro, em cima da mesa de cabeceira, afastando do rosto de June uma madeixa do seu cabelo castanho e encaracolado. June nunca dava trabalho nenhum.

Na outra ponta do quarto, estava Kat Weller, a filha de Lolly de dez anos. Kat acordara quando o seu pai descera as escadas e, em poucos segundos, tinha o casaco, as luvas e o chapéu postos, e implorava para ir com ele. «Por favor, posso ir, papá? Não tenho escola

amanhã.» Contudo, era muito tarde, estava muito frio e haveria demasiados bêbedos na estrada, por isso Ted voltou a deitá-la.

Kat encontrava-se a dormir, com as luvas roxas ainda calçadas e o seu velho *Igor* de peluche debaixo do braço. Lolly dirigiu-se para Kat em bicos de pés, grata pelo facto de a filha estar voltada para a parede. Se Lolly tivesse entrado e visto aquele rosto doce, tão parecido com o do pai, o seu coração ficaria apertado, como acontecia muitas vezes nestes últimos tempos. Retirou-lhe as luvas cuidadosamente e Kat mexeu-se, mas não acordou. Lolly mordeu o lábio, sentindo-se culpada, e saiu de seguida.

Tinha cerca de dez minutos. Subiu apressadamente para o seu quarto, fechou a porta e deitou-se com o controlo remoto e o telefone sobre a barriga. Mudou o canal. Por muito que gostasse do filme *Reação em Cadeia*, já o vira umas dez vezes e voltara a vê-lo há apenas alguns meses. Foi mudando de canal, encontrou *Um Amor Inevitável*, aumentou o volume o suficiente para cobrir a sua própria voz e fez o telefonema. Enquanto falavam, o seu coração batia no peito como habitualmente, lembrando-lhe as coisas com que costumava sonhar. Ela murmurou, mas alto o suficiente para se sobrepor à voz de Billy Crystal quando este dizia a Meg Ryan o que ela tinha de errado.

Trinta, quarenta minutos mais tarde — Lolly perdera a noção do tempo —, a operadora interrompeu o telefonema com uma emergência. Lolly levantou-se sobressaltada e disse que sim, claro que aceitava receber a chamada. Era a polícia de Boothbay Harbor.

Lamentavam.

Algo que Lolly sempre recordou dessa noite foi ter deixado cair o telefone, o seu corpo e a sua respiração, estáticos, enquanto olhava fixamente, em choque, para o rosto de Billy Crystal. Depois de todos estes anos, ainda não era capaz de ver nada com o ator Billy Crystal, não suportava olhar para ele, ouvir a sua voz. A sua querida amiga Pearl comentara um dia que, felizmente, Lolly mudara o canal que estava a passar *Reação em Cadeia*, ou nunca mais teria sido capaz de olhar para o rosto de Meryl Streep.

CAPÍTULO 1

ISABEL NASH MCNEAL

O plano de Isabel para salvar o seu casamento incluía três coisas: uma receita italiana, velha como o mundo, de *ravioli* de três queijos, as boas recordações do passado e a promessa de nunca mais mencionar o que os estava a afastar. Amava o marido, Edward, desde os dezasseis anos, e isso teria de ser suficiente. Estava encostada à bancada da cozinha com a receita, rabiscada a tinta preta que ela mal conseguia ler, ao lado de um pedaço cinzento de massa, cheia de grumos, que fizera de raiz. Devia ter aquele aspeto?

Isabel tirou um livro de culinária da prateleira em cima do armário, *Everyday Italian*, de Giada De Laurentiis e folheou até à receita de massa. A dela não se parecia em nada com a de Giada. Era melhor recomeçar. Tivera cinco dias para acertar na receita. O décimo aniversário do seu casamento era na terça-feira e Isabel estava decidida a recriar a última noite da sua lua de mel em Roma, quando ela e Edward, com apenas vinte e um anos e tão apaixonados, descobriram um restaurantezinho acolhedor, com esplanada e serviço até tarde, ao virar da esquina da Fontana di Trevi, para onde atiraram moedas e formularam desejos. Quando se sentaram na pequena mesa redonda por baixo de uma lua crescente, numa linda e fresca noite de agosto e com uma ópera italiana como música de fundo, Edward disse que desejara na fonte que a vida fosse sempre assim, que ela *era* a vida dele. O seu desejo fora semelhante. Enquanto comiam *ravioli* de três queijos, que ambos acharam extraordinário, Edward disse-lhe que

a amava mais que tudo, que a amaria para sempre e, em seguida, levantou-se, estendeu a mão e tomou-a nos seus braços, dando-lhe um longo beijo apaixonado, que encantou o dono do restaurante de tal modo que os convidou a ir à cozinha aprender a receita de *ravioli*. Na velha cozinha, encontrava-se a sua mãe, muito idosa, que se parecia bastante com uma bruxa, com o nariz adunco e um vestido austero, preto e comprido, e o cabelo preso na nuca, mexendo as panelas pretas no fogão. Contudo, ela sorriu, cumprimentou-os com dois beijos no rosto e escreveu a receita em italiano, que o filho traduziu acrescentando: *A minha mãe diz que esta receita tem propriedades mágicas e que vai garantir um casamento duradouro e feliz.*

Isabel guardara o pedaço de papel dobrado na carteira ao longo de todos estes anos e pensara, em tempos, fazer *ravioli* em todos os aniversários de casamento, mas, de uma maneira ou de outra, ela e Edward acabavam sempre por ir jantar fora ou por estar de férias. Além disso, a magia daquele prato de *ravioli* da lua de mel sempre resultara e Isabel não precisava de nenhuma garantia de um casamento duradouro e feliz... sempre o tivera. Até há pouco tempo.

Até o seu casamento se ter transformado numa espécie de guerra fria por Isabel ter começado a desejar algo que não deveria querer, algo de que não deveria precisar, com um fervor que a assustava, que a entusiasmava e a fazia sentir-se viva como nunca se sentira antes. Fazia-a chorar — no duche, no supermercado, no carro e, pela noite dentro, na cama — porque nunca iria acontecer.

Deitou fora a massa cheia de grumos e, quando meteu o copo medidor no pacote de farinha, ouviu um ruído vindo da porta da frente. Inclinou-se para trás e olhou para o corredor: alguém fizera deslizar um envelope por baixo da porta. Que estranho. Isabel limpou as mãos no avental e dirigiu-se ao *hall*, os saltos dos seus sapatos a bater no chão de mármore polido.

O envelope, bem como a carta dentro dele, estavam impressos em papel branco, sem endereço e sem assinatura:

O seu marido está a ter um caso. Não tenho a certeza se sabe ou se quer saber. Tudo o que sei é que foi bondosa para mim uma vez e, nesta cidade, isso

é um feito. Se fosse comigo, gostaria que me dissessem e algo me diz que você também. Hemingway Street, 56. O Mercedes preto está sempre estacionado nas traseiras por volta das 18h00. Lamento.

Isabel sentiu-se sufocar e deixou cair a carta. Apanhou-a do chão e leu-a novamente. Edward? A ter um caso? Abanou a cabeça, os seus joelhos pareciam feitos de borracha, e deixou-se cair no banco almofadado da entrada. Tinha de ser um engano qualquer. Tinha de ser.

Sim, um engano, decidiu. Esta pessoa que *lamentava* tinha entregado a carta na casa errada. A carta era, provavelmente, para a vizinha do lado, Sasha Finton, cuja casa branca, de estilo colonial, com a porta vermelha, portadas pretas e carreiro de pedras ladeado de flores, era idêntica à dos McNeal. O marido de Sasha namoriscava abertamente em todas as festas do bairro e festas de aniversário de crianças.

Isabel sentiu pena de Sasha, que sempre fora simpática, que lhe acenara nessa manhã com um sorriso contido, embora estivesse claramente transtornada ao seguir o marido carrancudo até ao carro.

Um *Mercedes* preto, não era? Como o de Edward.

Susteve a respiração e dirigiu-se apressadamente para a sala, desviando as cortinas pesadas da janela mais afastada. Se se esticasse, conseguia ver a entrada dos Finton por cima da vedação branca de ferro forjado trabalhado. Só lá estava o *BMW* prateado de Sasha. Contudo, Isabel tinha quase a certeza de que o *Mercedes* de Darin Finton era preto. Isabel olhou de relance para o relógio, passava pouco das seis da tarde. Talvez o carro de Darin não estivesse à porta por se encontrar estacionado nas traseiras do número 56 da Hemingway Street.

Levou a carta e o envelope para a cozinha e pousou-os na bancada, depois pôs um tomate por cima para fazer de pisa-papéis, não que ela não quisesse que a carta fosse levada pelo vento para longe. Mas, se fosse, aterraria na porta de outra mulher, outra mulher que sentisse que algo de muito, muito errado se passava entre si e o seu marido e que já o sentisse há muito tempo. Mesmo antes de a guerra fria começar. Isabel sabia-o.

Mas um caso? Edward? Não.

Isabel pestanejou repetidamente, tentando evitar as lágrimas, e mediu três chávenas de farinha, que despejou em cima da tábua de cortar de madeira. Fez um buraco na farinha e partiu quatro ovos lá para dentro, misturou os ovos com cuidado e incorporou-os na farinha lentamente. Assim que começou a amassar, a mistura ficou grumosa, em vez de elástica e pegajosa.

Estava a fazer alguma coisa mal.

Esta parte de salvar o casamento recordando as coisas boas do passado podia parecer ridículo, mas Isabel achava que, se recriasse aquela última noite em Roma, quando tudo entre ela e Edward era tão mágico, mexeria com algo dentro dele. A mistura do requeijão com o molho adocicado de tomate iria evocar a mesa à luz da lua em Itália e relembrar-lhe o que, um dia, sentira por ela, como as coisas eram. Isabel planeava usar um daqueles vestidos leves de algodão que usara durante a lua de mel e montar uma mesa de café no pátio das traseiras, sob a lua e as estrelas. Recriar a noite emocionalmente, se não o podia fazer geograficamente. Levá-los de volta ao início. Aos primeiros nove anos de casamento, quando tudo era bom, quando se sentia tão segura.

No entanto, tudo mudara nos últimos anos. Contudo, ela tinha um plano para isso também: nunca mencionar o que os estava a separar, o que se intrometera entre eles como uma marreta. Algo que Isabel queria e Edward não.

Isabel descascou o tomate e leu o bilhete novamente.

O Mercedes preto está sempre estacionado nas traseiras por volta das 18h00.

Sim, Edward tinha um *Mercedes* preto. Mas Darin também tinha um, e os Charmichael do outro lado da estrada também, bem como a maior parte da vizinhança.

Isabel ouviu um carro parar à porta dos Finton. Voltou a correr para a janela. Darin Finton saía de um *Mercedes* cinzento-escuro. Não era preto. Sentiu um arrepio na espinha enquanto se dirigia para as janelas do lado oposto da sala e espreitava pelas finas cortinas para a frente da casa dos Haverhill. *Por favor, tenham um Mercedes preto,*

pensou ela, apercebendo-se, quase de imediato, que desejava que Victoria Haverhill tivesse um marido que a traísse. Contudo, ambos os carros dos Haverhill se encontravam estacionados em frente da casa, um deles era um *Mercedes* azul-escuro.

Isabel permaneceu imóvel junto ao piano, com medo de respirar, com medo de se mexer. *Tudo o que sei é que foi bondosa para mim uma vez e, nesta cidade, isso é um feito...*

Isabel costumava ser simpática. Sasha Finton já tivera os seus dias bons e os seus dias maus. Victoria Haverhill? Maldosa.

Será que o bilhete *era* para ela?

O som dos seus saltos entrava-lhe pelos ouvidos enquanto voltava para a cozinha. Apesar de tudo, ela e Edward estavam a tentar. Ambos tinham prometido tentar.

— Desculpe, dona Isabel, mas a massa não devia ter esse aspeto.

Marian, a empregada de Isabel, guardava as compras no armário da cozinha, com o olhar fixo na massa e uma voz doce. Por muito que Isabel dissesse a Marian para a tratar só por Isabel, Marian abanava a cabeça e dizia «Não, senhora» com um sorriso.

— Eu fico mais um bocado e trato disso — disse Marian. — A senhora e o senhor Edward terão um jantar muito agradável.

Marian trabalhava para eles duas vezes por semana e às vezes cozinhava, desde que moravam nesta enorme casa em Westport, Connecticut, há cinco anos. Uma casa demasiado grande para duas pessoas. Marian sorria discretamente e comentava que um dos quatro quartos no andar de cima era ideal para fazer um quarto de bebé, com as suas portas francesas e janelas em arco. «Como num conto de fadas.»

A toda a hora, de dia e de noite, Isabel ia ao quarto do conto de fadas, mais um dos quartos que nunca tinha hóspedes, e imaginava o delicado berço-trenó branco, a roupa de cama em amarelo-pálido, um móbil a tinir suavemente, os patinhos que ela pediria a um artista para pintar nas sancas.

E um bebé, Allison McNeal, Allie para abreviar, como a mãe de Isabel, ou Marcus McNeal, como o pai de Edward.

Contudo, nunca existiria um bebê. Em vez disso, existia um pacto, que Edward relembra a Isabel de cada vez que ela mencionava o assunto.

Existia um pacto, e cumpri-lo partia-lhe o coração. Por essa razão, a carta tinha de ser um engano. Não havia caso. O pacto não contemplava nenhum caso amoroso.

Contudo, agora que ela pensava nisso, os votos eram em si mesmos um pacto. E tantas vezes quebrados.

Conseguiu sorrir à empregada.

— Obrigada, Marian, mas estou apenas a treinar nesta massa. Para o nosso aniversário para a semana. Dez anos.

— A senhora e o senhor Edward fazem um casal tão bonito — disse Marian. — Espero que ele consiga chegar a casa antes das oito da noite no vosso aniversário. Aquele homem trabalha tanto e até tão tarde.

Hemingway Street, 56. O Mercedes preto está sempre estacionado nas ruas por volta das 18h00. Lamento.

Isabel tirou as chaves do carro de dentro da mala.

Isabel tinha dezasseis anos, e tudo menos um bom feitio, quando conheceu Edward McNeal no Boothbay Regional Center for Grieving Children. Ele era o seu mentor adolescente, tendo perdido os pais num acidente de avião cinco anos antes. Fazia voluntariado no centro todas as quartas-feiras depois da escola. Quando a tia de Isabel, Lolly, a levou lá, juntamente com a sua irmã e a sua prima, dois dias depois do acidente de carro, Isabel teve uma sessão com um psicólogo adulto e outra com Edward. No primeiro dia, sentiu-se de tal maneira encantada com ele, com a empatia que via nos seus olhos, de um castanho profundo, que, por alguns segundos, se esqueceu de onde estava, deste lugar, deste inferno, do desaparecimento da mãe e do pai, sem mais nem menos, enquanto dormia na véspera de Ano Novo.

Isabel não queria falar dos pais. Ou da discussão que tivera com a mãe naquela última noite. Não queria falar da irmã, June, que chorava a toda a hora. Ou de como se sentiu quando tivera de se mudar

para a pousada velha e bolorenta da sua tia Lolly com Kat, a sua prima ainda pequena, que perdera o pai porque este fora buscar os pais de Isabel e June, dois borguistas bêbedos, na noite de fim de ano. Ela queria ouvir Edward falar sobre o momento em que descobrira que os seus pais tinham morrido. Então, ele falava do sentimento de choque, de como este se apoderou dele durante tanto tempo que retardou a sua reação à perda em si, e que, quando o choque finalmente passou, uns bons seis meses mais tarde, deu por si a chorar em todo o lado durante vários meses. Na escola, debaixo dos cobertores à noite, na igreja, que o meio-irmão mais velho, que o criou, achou que talvez pudesse ajudá-lo a lidar com a perda, e durante algum tempo ajudou. Até que um dia, disse Edward, enquanto estás a fazer outra coisa qualquer, apercebes-te de que não estás a pensar na perda e, a partir daí, tudo fica melhor, tornando-se uma parte de ti, em vez de ser tudo o que és.

Isabel apaixonou-se por Edward McNeal na segunda quarta-feira. A sua irmã também, apesar de ser apenas uma paixoneta por um rapaz mais velho. Durante algum tempo, as irmãs Nash, que nunca se tinham dado bem, focaram a sua atenção nisso, em vez de na sua dor, descontando a raiva que sentiam uma na outra. «A única razão pela qual ele gosta de ti é porque és uma galdéria», gritava June. «Não, ele gosta de mim, porque eu sou eu mesma», gritava-lhe Isabel de volta, «algo que tu nunca serás, menina lambe-botas-que-não-par-te-um-prato.» Elas disseram coisas horríveis uma à outra naqueles primeiros tempos e, quando Isabel contava a Edward as discussões violentas que tinham, ele dizia: «Sabes, Izzy, se noventa e nove por cento do que a June diz sobre ti não é minimamente verdade, o mesmo vale para o que tu dizes dela. Pensa nisso.» E ela refletia, mas depois voltavam a discutir e June mencionava a única coisa que fazia Isabel tremer tanto que June tinha de ir buscar a tia Lolly a correr.

Passado um dia, as discussões recomeçavam, com June a insistir que, com treze anos, já podia ter um namorado (um namorado de dezasseis anos) e a fazer de tudo para conseguir chamar a atenção de Edward, desde encher o sutiã a usar *lip gloss* com aroma de pêssego. A tia Lolly teve de mudar June para uma tutora de catorze anos chamada Sarah, que June acabou por adorar. Mas o abismo que existia

entre Isabel e June tornou-se cada vez maior e nem elas, nem a tia, o conseguiram alguma vez diminuir. Cada vez que Isabel pensava que tudo o que tinha de fazer para haver paz entre elas era parar de *reagir*, acabava por reagir. Muito mal.

E corria de volta para Edward. Tornaram-se inseparáveis naquele terrível inverno. Longos passeios de cais em cais em Boothbay Harbor, aconchegados um no outro contra o frio gélido de inverno, os braços fortes de Edward em volta dela enquanto olhavam, sentados, os barcos atracados, as suas costas assentes na suavidade do casaco de penas azul-escuro da *L.L. Bean* de Edward, as mãos enluvadas dele a aquecerem-lhe o rosto. Andavam quilómetros no porto de abrigo, a beberem chocolate quente em copos descartáveis, e, quanto mais se afastavam da pousada, menos miserável Isabel se sentia. Uma noite, no final da primavera, quando ela e Edward se encontravam sentados debaixo do carvalho no pátio da pousada, deram as mãos e olharam para as estrelas, que cintilavam como um mundo de possibilidades que fazia Isabel sentir-se cheia de esperança.

— Devíamos fazer um pacto — dissera Edward, com os olhos postos nas estrelas. — Tu e eu juntos para sempre. Só nós os dois.

Isabel apertou-lhe a mão.

— Só nós os dois. Juntos para sempre.

— E sem filhos. Sem filhos para se tornarem órfãos perdidos e amargurados como nós.

Isabel virou-se para ele, estupefacta com o quanto ele estava certo. Apenas dezasseis anos e tão sensato.

— Nada de filhos.

— Então, temos um pacto — disse ele. — Nada de filhos. Só tu e eu, para sempre.

Apertaram a mão um do outro e olharam para o céu até a tia Lolly a chamar para dentro de casa.

Durante muitos anos, Isabel esqueceu-se, por completo, do pacto.